



ALEXANDRIA

ALEXANDRIA

Revista de Educação em Ciência e Tecnologia

Editorial

Lembrando John Gilbert

O artigo que abre o primeiro número de Alexandria é de autoria de John K. Gilbert, que também aceitou ter o nome incluído no conselho científico da revista. Ele era o editor do *International Journal of Science Education* e Professor of Science Education na Universidade de Reading, com uma agenda de atividades bastante cheia. Somente o fato de ter orientado o meu doutorado e termos mantido contato durante anos me fez ter a petulância de solicitar-lhe um texto para o novo periódico.

Esse fato veio imediatamente à minha memória quando recebi de Rosária Justi, que também havia sido orientada pelo John¹, com quem estabeleceu uma produtiva colaboração acadêmica durante os últimos 25 anos, a notícia de seu repentino falecimento no início de fevereiro, pouco antes de completar 80 anos. O editorial que ela redigiu para o *International Journal of Science Education*, como homenagem ao grande editor daquele periódico por mais de um quarto de século e o responsável por tê-lo tornado realmente internacional, é leitura obrigatória para todos que quiserem conhecer algo sobre a carreira de um dos mais influentes educadores na área de Educação em Ciências (*Celebrating the life of John Kenward Gilbert, IJSE 2020, Vol. 42, No. 4, 493–503*).

Durante os anos em que John encaminhou-me artigos submetidos ao IJSE, para que eu emitisse pareceres, tivemos a oportunidade de conversar por e-mail e algumas vezes

¹ John Kenward Gilbert contribuiu para a formação de vários pesquisadores brasileiros, tendo orientado as teses de Dominique Colinvaux, Creso Franco, Tarciso Borges, e de nossa saudosa colega da UFSC, Erika Zimmermann.



pessoalmente, a respeito da edição de revistas acadêmicas, o que me valeu muito como editor de Alexandria. O formulário para árbitros que adotei, por exemplo, foi baseado naquele utilizado pelo IJSE.

Meu primeiro contato com John foi quando, dois meses antes de viajar para iniciar o doutorado no Institute for Educational Technology da Universidade de Surrey, recebi um envelope com cópias de alguns artigos e um relatório de pesquisa escrito em colaboração com seu grande amigo da Nova Zelândia, Roger Osborne. O relatório tinha como tema um método que haviam desenvolvido para a identificação de ideias de estudantes sobre conceitos científicos, o Interview About Instances. Estávamos então no final dos anos 1970, quando o que viria a ser conhecida como a investigação sobre concepções alternativas e suas implicações para o ensino começava a ganhar corpo.

O envelope continha ainda uma carta do John explicando que havia sido indicado para ser o meu orientador e que enviava um C.V. para que eu soubesse alguma coisa de seu trabalho. Naquela época ele ainda não era tão conhecido como viria a ser e, se por um lado eu houvesse achado simpática a sua iniciativa de se apresentar, por outro fiquei decepcionado. O instituto era dirigido pelo Professor of Higher Education Lewis Elton, um físico de reconhecida competência que havia se interessado por educação, e eu esperava ser orientado por ele. As informações que havia recebido por parte de meus amigos José André Angotti e Marta Pernambuco, que o haviam conhecido durante um período que passou no Instituto de Física da USP, eram as melhores possíveis. De fato, Lewis Elton revelou-se uma figura excepcional, por quem eu tinha grande respeito e admiração, e de quem guardo calorosas memórias. Logo me daria conta, porém, de que a indicação de John como meu orientador havia sido correta.

Apresentei-me no instituto no final de agosto de 1979. John encontrava-se de férias, mas deixara uma tese que recém havia orientado para que eu lesse. Ficou claro para mim que a mensagem que ele estava passando era de que havia coisas mais interessantes ocorrendo no mundo da pesquisa em nossa área, do que aquela contemplada no projeto que eu havia encaminhado como parte do processo de seleção ao doutorado. E, sem arrependimento, mudei totalmente o objeto da minha pesquisa.

Desde o início John revelou-se um orientador atento e dedicado e sempre tratou-me com respeito intelectual, aceitando o meu ritmo de trabalho, que era um tanto lento para os seus padrões. Nunca levou mais de dois dias sem que me chamasse para conversar sobre qualquer material que eu houvesse escrito, dando-se ao trabalho, inclusive, de corrigir o meu inglês de estrangeiro. Corrigiu também o inglês em um artigo que Maurício Pietrocola e eu publicamos no IJSE, quase 20 anos após eu ter concluído o doutorado. Uma vez orientador, sempre orientador.

Lembro-me de apenas uma vez em que John mostrou-se descontente com um material por mim apresentado. Eu dividia uma sala com Mike Watts, além de compartilharmos o mesmo orientador. Mike e eu decidimos investigar concepções de alunos sobre força e movimento por meio de um questionário. Coletamos os dados em escolas de Londres com as quais Mike tinha contato e aproveitamos para entrevistar alguns professores, solicitando suas previsões sobre como seus alunos responderiam. Preparei um sumário dos dados e entregamos para John dar uma olhada. Ele repreendeu-nos pelo desleixo: havíamos entregado algumas folhas manuscritas, sem contextualização, sem uma análise mais profunda dos dados e sem explicitarmos as conclusões. John gostava das coisas bem feitas.

Elaboramos, então, um relatório de pesquisa estruturado e detalhado com mais de 50 páginas; até colocamos uma capa oficial do instituto. Desta vez John ficou satisfeito e encorajou-nos a escrever um artigo e submetê-lo ao *Physics Education*, o que nos apanhou de surpresa. Como alunos no início do segundo ano de doutorado, tudo que pensávamos era fazer um exercício e coletar alguns dados exploratórios que, eventualmente, pudessem ser usados em nossas teses. Estávamos satisfeitos em ter escrito um relatório aceitável para o nosso orientador e não havíamos cogitado que aquilo pudesse gerar um artigo, ainda mais para o *Physics Education*. Não era comum que doutorandos submetessem artigos sem a co-autoria de seus orientadores.

O final feliz da história é que o trabalho foi aceito praticamente sem alterações, e tornou-se bem citado na literatura. Fico surpreso ao, ainda hoje, encontrar menções recentes a um artigo publicado há quase quarenta anos.

No editorial mencionado no início deste texto, nossa colega Rosária Justi revela que John considerava Surrey como a universidade em que mais gostou de ter trabalhado, devido ao seu ambiente agradável para pensar, aprender e trocar ideias. Tive a sorte de ter lá estado durante o período que considero os melhores anos da área de Educação em Ciências naquela instituição. Não havia um currículo com disciplinas formais no doutorado; tínhamos de pesquisar e escrever uma boa tese para receber o título. Esperava-se que participássemos de grupos de discussão e apresentássemos seminários, mas não recebíamos notas nem créditos por isso.

Uma das experiências marcantes naquele período foram os seminários informais para discussão de artigos, coordenados conjuntamente pelo John e por Maureen Pope. O artigo a ser discutido era escolhido por um dos estudantes, que se encarregava de providenciar cópias para os demais participantes (em torno de uma dezena) uma semana antes do dia do encontro; competia-lhe, também, levantar pontos para discussão e conduzir os trabalhos do dia. Aqueles que cursaram a disciplina Discussão Crítica de Artigos de Pesquisa, no Programa de Pós-

Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, agora sabem de onde veio a inspiração para o seu formato.

Mike Watts e eu costumávamos almoçar na universidade e muitas vezes John juntava-se a nós. Era uma oportunidade para conversarmos descontraidamente sobre assuntos variados. Era também quando podíamos melhor apreciar o seu notável senso de humor, por vezes cortante, mas sempre inteligente.

Quando estive em Florianópolis, pouco tempo depois de ter passado por uma cirurgia de ponte de safena, perguntei-lhe como se sentia. Bem, muito bem, respondeu, tão bem que recomendava a cirurgia para todo mundo, até mesmo para quem não precisasse. E estava bem mesmo. Tanto que seguiu em atividade por muitos anos ainda, com a mesma energia, determinação e capacidade intelectual que aqueles que o conheceram não se cansavam de admirar.

ARDEN ZYLBERSZTAJN